

Índice

1. O Furão Corre, Corre...	9
2. O Boné Cinzento	25
3. A Amante do Barão	37
4. Prisões	49
5. A Princesa de Basileief	61
6. Os Títulos da Defesa Nacional	75
7. Cúmplices	87
8. A Grande Batalha do Cambridge	101
9. Dentro da Praça	117
10. O Processo A. L. B.	133
11. Angústia	145
12. O Triunfo de Lupin	157

Victor, da Brigada Anticrime, a quem o roubo dos títulos da Defesa Nacional, o duplo assassínio do «tio» Lescot e de Élise Masson, e a sua obstinada luta contra Arsène Lupin valeram uma certa celebridade, era nessa época um velho polícia, hábil, astuto, intratável, insuportável, que exercia a sua profissão como um amador, quando «lhe apetecia», e de quem a imprensa tinha tido muitas vezes ocasião de comentar os procedimentos singulares e os hábitos demasiado fantasiosos. O comandante da Polícia, que se impressionava com umas certas críticas, recebeu o seguinte apontamento confidencial, que lhe foi enviado pelo senhor Gautier, director da Polícia Judiciária, que nunca deixava de defender o seu subordinado:

O inspector Victor, cujo verdadeiro nome é Victor Hautin, é filho de um procurador da República que morreu em Toulouse há quarenta anos. Victor Hautin passou uma parte da sua vida nas colónias. Funcionário excelente, encarregado das missões mais delicadas e perigosas, foi muitas vezes transferido, devido a queixas apresentadas contra ele por maridos a quem seduzira as mulheres ou por pais a quem raptara as filhas. Estes escândalos impediram-no de ascender aos mais elevados postos da administração.

Mais calmo com os anos, tendo herdado uma bela fortuna, mas desejoso de ocupar as suas horas vagas, pediu para me ser recomendado por um dos meus primos, que residia em Madagáscar e que tinha por Victor Hautin grande consideração. De facto, apesar da sua

idade, apesar da sua excessiva independência e do seu carácter sombrio, é um auxiliar precioso, discreto, sem ambições, pouco desejoso de publicidade e de quem eu aprecio sinceramente o trabalho.

Para falar francamente, quando esta nota foi redigida, a celebridade de Victor não excedia o restrito círculo dos seus chefes e dos seus colegas. Foi preciso, para o pôr em evidência, que aparecesse subitamente, como seu antagonista, o extraordinário e formidável Arsène Lupin, que ia dar ao tenebroso caso dos títulos da Defesa Nacional um significado e interesse especial. Dir-se-ia que as já notáveis qualidades do velho inspector foram, subitamente, elevadas ao máximo pelo prodigioso adversário que as circunstâncias lhe opunham.

Foi a luta encarniçada, ardente, implacável, rancorosa, que ele empreendeu, primeiro na sombra e depois em plena luz, e o inesperado golpe de teatro em que este caso redundou, que, aumentando ainda o prestígio de Lupin, tornaram célebre no mundo inteiro o nome de Victor, da Brigada Anticrime.

1

O Furão Corre, Corre...

I

Foi por acaso que Victor, da Brigada Anticrime, entrou, nessa tarde de domingo, no Ciné-Balthazar. Uma perseguição falhada tinha-o levado, pelas quatro horas, ao populoso bairro de Clichy. Para escapar à aglomeração duma feira popular, sentou-se no terraço dum café e, ao percorrer com os olhos o jornal da tarde, leu esta notícia:

Constava, nestes últimos dias, que o famoso gatuno Arsène Lupin, que, depois de alguns anos de silêncio, faz actualmente falar muito de si, teria sido visto na passada quarta-feira numa cidade de Este. Alguns inspectores foram enviados de Paris. Mais uma vez, teria escapado ao cerco da polícia.

— Patife! — murmurou Victor, como rígido polícia, que considera os malfeitores como inimigos pessoais e se exprime a respeito deles em termos desprovidos de amenidade.

Foi então que, de bastante mau humor, se refugiou no cinema, onde corria, na segunda matiné, um filme de aventuras policiais. Sentou-se no balcão, nas cadeiras de lado. O intervalo estava a terminar. Victor praguejava, furioso, pela decisão que tomara. Que tinha ido ali fazer? Resolveu ir-se embora e levantava-se já, quando viu, sozinha num camarote, a alguns metros de distância, uma mulher muito bela,

de rosto pálido e de bandós ruivos, com reflexos fulvos. Era uma daquelas criaturas admiráveis para quem todos os olhares são atraídos, embora não procurasse captar as atenções, nem pela maneira de se comportar, nem por um qualquer gesto espectacular.

Victor ficou. Antes que a brusca noite tombasse na sala, teve tempo de observar o reflexo fulvo dos bandós e o brilho metálico de dois olhos claros e, sem se preocupar que o filme o aborresse com as suas peripécias extravagantes, esperou até ao fim.

Não era o caso que estivesse ainda na idade em que um homem se julga capaz de agradar. Não. Ele conhecia muito bem as suas feições duras, o seu ar pouco amável, a pele enrugada, as fontes grisalhas; em resumo, o aspecto rebarbativo de antigo subalterno de cavalaria, que passava dos cinquenta e que procurava atingir a elegância com o vestuário demasiado cingido ao corpo. Mas a beleza feminina era um espectáculo que nunca o cansava e que lhe recordava as melhores emoções da sua vida. Por outro lado, amava a sua profissão e certas visões impunham-lhe o desejo de discernir o que escondiam de misterioso, de trágico ou mesmo, por vezes, de infinitamente simples.

Quando a luz surgiu de novo e a mulher ficou em pé, em plena claridade, verificou que era alta, de grande distinção, muito bem vestida, considerações que ainda mais o estimulavam. Ele queria ver e saber. Portanto, ia segui-la, tanto por curiosidade como por interesse profissional. Mas, no momento em que começava a aproximar-se, produziu-se, por baixo do balcão, entre a massa dos espectadores que se dirigiam para a saída, um súbito tumulto. Elevavam-se gritos. Uma voz de homem gritou:

— Ladrão! Agarrem-na! Ela roubou-me!

A senhora elegante inclinou-se sobre a orquestra. Victor inclinou-se também. Em baixo, na coxia central, um homem novo, baixo e gordo, gesticulava, de expressão contraída, debatia-se furiosamente para romper as filas de gente apressada que o rodeavam. A pessoa que ele tentava alcançar e apontar com o dedo estendido devia estar bastante longe, porque nem Victor, nem nenhum dos espectadores repararam que uma mulher corresse ou tentasse fugir. Entretanto, ele vociferava, arquejante, elevando-se na ponta dos pés, avançando aos encontrões e às cotoveladas.

— Ali!... ali!... está a passar as portas... cabelo preto... vestido preto... um chapéu...

Sufocava, incapaz de dar um esclarecimento que permitisse identificar a mulher. Por fim, empurrou as pessoas com tal violência, que conseguiu abrir caminho e saltar para a entrada, até ao vão das grandes portas abertas.

Foi ali que Victor, que não tinha esperado mais tempo para descer do andar superior, se lhe reuniu, e ouviu-o dizer ainda:

— Agarra que é ladrão! Agarram-na!

Lá fora, crepitavam todas as orquestras da feira, e a sombra da noite que descia iluminava-se duma claridade vibrante de poeira. Sufocado, tendo sem dúvida perdido de vista a fugitiva, o jovem, durante dois ou três segundos imóvel no passeio, procurava-a com o olhar, à direita, à esquerda, em frente. De súbito, deve tê-la avistado e correu em direcção à Praça de Clichy, deslizando por entre os automóveis e os eléctricos.

Agora já não gritava e corria muito depressa, saltando às vezes como se esperasse surpreender de novo, por entre as centenas de transeuntes, aquela que o roubara. Entretanto, tinha a impressão de que, desde o cinema, alguém corria igualmente, quase a seu lado, o que devia encorajá-lo, pois redobrava de velocidade.

Uma voz disse-lhe:

— Continua a vê-la?... Como diabo consegues vê-la?

Sem fôlego, murmurou:

— Não... já não a vejo, mas ela deve ter seguido, com certeza, por esta rua...

Meteu-se por uma rua muito menos frequentada, onde seria impossível não distinguir uma mulher que seguisse com um andar mais rápido do que as outras.

Num cruzamento, ordenou:

— Siga pela rua da direita... eu vou por esta. Encontramo-nos no fim... uma morena, vestida de preto...

Não tinha dado vinte passos na rua escolhida por ele quando se encostou a uma parede, respirando com dificuldade, cambaleando e só então percebeu que o companheiro não lhe tinha obedecido e que o amparava cordialmente no seu desfalecimento.

— Como! Como! — disse, encolerizado. — Está ainda aqui? Eu recomendei-lhe...

— Sim — respondeu o outro. — Mas, desde a Praça de Clichy, o senhor parece seguir ao acaso. É preciso reflectir. Eu estou habituado a estas histórias. Às vezes, vamos mais depressa se não nos mexermos.

O homem observou o obsequioso personagem, que, coisa estranha, apesar da sua aparência idosa, não parecia nada cansado pela corrida.

— Ah! — disse aborrecido. — O senhor está habituado?...

— Sim, sou da polícia... Inspector Victor...

— É da polícia?... repetiu o rapaz, distraidamente, com o olhar fixo, — Nunca tinha visto um tipo da polícia.

Seria para ele um espectáculo agradável ou desagradável? Estendeu a mão a Victor e agradeceu-lhe.

— Adeus... foi muito amável...

Já se afastava. Victor segurou-o.

— E a mulher?... A ladra?

— Não tem importância... hei-de encontrá-la...

— Eu posso ser-lhe útil. Dê-me algumas informações.

— Informações? Sobre quê? Enganei-me.

Começou a andar mais rapidamente. O inspector acompanhava-o com o mesmo passo apressado e, à medida que o outro parecia mais deseioso de deixar a sua companhia, agarrava-se mais a ele. Já nem sequer falavam. O rapaz parecia ansioso por atingir um fim que não era, no entanto, a captura da ladra, pois que seguia visivelmente ao acaso.

— Entremos aqui — disse o inspector, que o segurou pelo braço, dirigindo-o para um rés-do-chão onde se liam estas palavras numa lanterna vermelha: «Posto da Polícia».

— Aqui? Para fazer o quê?

— Temos de conversar e, em plena rua, não é cómodo.

— É doido! Deixe-me em paz! — protestava o desconhecido.

— Não sou doido e não o deixo em paz — respondeu Victor, que se encarniçava ainda mais, irritado por ter abandonado as suas manobras em volta da linda mulher do cinema.